

VÍTOR DiCASTRO

*Criador do Deboche Astral,
canal do YouTube com mais
de 1 milhão de inscritos*

INFERNO ASTRAL
— ROMANCE —
OS SIGNOS ESTÃO DE DEBOCHE COMIGO!



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Vítor DiCastro, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020

Todos os direitos reservados.

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Departamento editorial da Editora Planeta do Brasil

Diagramação: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

DiCastro, Vítor

Inferno astral: os signos estão de deboche comigo!

/ Vítor DiCastro. -- São Paulo: Planeta, 2020.

224 p.

ISBN 978-65-5535-157-6

1. DiCastro, Vítor - Crônicas 2. Signos - Humor I. Título

20-2714

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas - Humor - Signos

Esta é uma obra de ficção, todos os personagens e situações são fictícios. O objetivo é mera e primordialmente de humor, sem qualquer intenção de magoar, ferir ou difamar alguém.

2020

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

- PRÓLOGO** Vinte anos atrás... 8
- 1. ÁRIES** Conheci a Maria Bethânia e olha no que deu 14
- 2. TOURO** Provando o Legume mais sangrento de São Paulo 42
- 3. GÊMEOS** Trollei meu marido, e agora? 60
- 4. CÂNCER** O dia em que eu chorei até desidratar 78
- 5. LEÃO** E teve boatos de que eu estava na pior! 96
- 6. VIRGEM** Será que *Clube da luta* é real mesmo? 112
- 7. LIBRA** Oi, sumidos! 124
- 8. ESCORPIÃO** Eu (quase) matei a Maria Bethânia (de novo!) 136
- 9. SAGITÁRIO** YUQUÊ: Tutorial de como dar uma de Pablo Vittar 152
- 10. CAPRICÓRNIO** Como eu fiz para sair do vermelho? 169
- 11. AQUÁRIO** Desde quando todo capítulo precisa ter título? 181
- 12. PEIXES** O desfecho do final feliz (eu espero!) 196

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1. ÁRIES

Conheci a
Maria Bethânia
e olha no que deu

OU
TRO

Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Que loucura. Já se passaram vinte anos desde aquele aniversário com o Jeff. O tempo realmente voa... Será que já posso me sentir velho por estar beirando os TRINTA ANOS? Enfim, chega de drama (vocês já vão ler muito drama daqui pra frente, então não preciso gastar todo o drama logo no começo, né?). Só queria te dizer que, se vocês não acreditam em signos, é melhor fechar este livro agora mesmo. Eu não acreditava também, até que tive que viver na pele cada um dos doze signos; aí eu vi que eles são bem reais.

Ainda tão lendo isso? Muito bem, leiam por sua conta e risco!

Esta é a história dos doze dias mais loucos da minha vida. E ela começa assim, como qualquer outro dia...

Desperto na segunda-feira com algo lambendo a minha bochecha, me fazendo abrir os olhos. É a gata Pepita, que me faz sair do sono (como sempre) às seis e meia, enquanto Mingau mia na porta. Já acordo bravo por Jeff não ter tirado os gatos do quarto quando se levantou. Por que ele tem que ser tão avoado? *Eu não tenho UM segundo de paz nesta casa*, penso.

Enrolo até ver que, se eu ficar mais um pouco na cama, vou me atrasar para o trabalho. Me levanto com um pulo, jogando as cobertas pro lado. É aquela famosa sigla LGBTQIA+, né? Levanta, Gay, Bora Trabalhar.

– Bom dia, gatinho – Jeff anuncia, dando um beijo na minha bochecha.

Olho pra ele com cara de “bom dia pra quem, amor?” e reviro os olhos. Eu não sei como ele consegue acordar tão animado. Às vezes, suspeito que ele coloca algum energético no café, porque aparentemente acorda dançando “Single Ladies”, enquanto eu acordo no maior humor Britney Spears em 2007: surtado.

Ele está com o cabelo amarrado em um coque no topo da cabeça, com alguns cachinhos afro caindo no rosto. Mexendo no celular, anuncia:

– Meu horóscopo diz que hoje eu devo escolher bem a roupa pro trabalho, porque posso ser surpreendido. O que será que isso quer dizer? – pergunta, inclinando a cabeça para a direita, com a xícara de café na mão livre.

Bufando, respondo:

– Tanto faz o que quer dizer, eu não acredito nessa pseudociência astrológica. É pura balela.

Jeff olha pra mim com cara de dúvida, como se eu fosse louco.

– Alguém acordou mal-humorado hoje. Se eu falar assim – ele começa a imitar a voz do Simba –, te deixo menos ranzinza? Ou o fato de faltarem doze dias pro seu aniversário de trinta anos te deixa mais feliz?

Nossa, mas ele TINHA que lembrar disso agora, logo de manhã? Tem horas que eu tenho vontade de partir pra agressão, sinceramente. Sem condições.

– Ai, Jeff, podia ter guardado essa pra você, né, amor? O meu pé de galinha já denuncia que estou quase na casa dos trinta, não precisava que meu marido me lembrasse disso já

no café da manhã. Até perdi a fome! – Deixo o pão na mesa e olho pra ele, irritado.

Eu secretamente estou organizando uma festa de aniversário bem linda, mas Jeff ainda não sabe de nada. Na verdade, não é tão secreta assim, só ele que não sabe mesmo. Mas tenho que manter a pose pra ele não suspeitar de nada. Se Jeff souber que estou organizando algo tão caro assim...

– Lucas, você não acha que está trabalhando demais, não? Nunca te vi tão estressado. Se bem que pode ser o seu inferno astral...

– Ah, mas pra você sempre sou *eu* que trabalho muito, né? – interrompo ele. – Seu sonho é que eu não fizesse nada, só cuidasse dos gatos e da nossa cachorra – da Gaga – porque assim eu não gastaria tanto, não é? – praticamente cuspo as palavras. – Bom, se eu tô trabalhando muito é porque quero e pronto. E não venha com essa de inferno astral, que isso nem existe.

Enquanto me preparo para levantar da cadeira e ir me arrumar, o meu telefone toca. O nome *Vênus* brilha na tela. Atendo e deixo no viva-voz.

– Alô?

– Sua dívida está atrasada – uma voz sinistra e robótica responde, ríspida – e já dei vários ultimatos para você. Até quando você vai me enrolar, hein?

Droga. Eu já havia me esquecido da existência de *Vênus*. Deixa eu explicar melhor: um tempo atrás, achei um panfleto numa gaveta aqui em casa, e era de um agiota que oferecia empréstimo de dinheiro com juros baixos. Não me lembro de ter pegado esse papel, mas acho que Jeff deve ter levado pra casa a fim de jogar no lixo, e acabou guardando por algum

motivo. Daí eu pensei: *Por que não?* E entrei em contato com o número impresso no panfleto, já que eu precisava de dinheiro para cobrir os meus gastos. Só que acabei exagerando um pouquinho.

O que quero dizer é que talvez eu tenha comprado uns sete eletrodomésticos caros com cores combinando, que não sei ainda pra que servem, mas que ficaram lindos na estante da cozinha. Além disso, talvez eu tenha ido a uns cinco shows da Beyoncé. E, ainda, pode ser que eu tenha dado umas cinquenta festas aqui no apê. Isso, sem contar os gastos com roupa, maquiagem e mimos para Pepitinha, Mingau e Gaga. Que tipo de pai eu seria se não desse uma casinha de doze andares para a minha amada Pepi? Se a Kim Kardashian pode dar uma casa de luxo pra filha dela brincar, eu também posso!

– Olha aqui, você me escuta bem, querido – digo, irritado. – Eu já disse um milhão de vezes que vou te pagar, beleza? Não precisa atrapalhar meu café assim, não. Nem estamos no horário comercial ainda! E eu sou uma celebridade, lembra? Eu tenho grana. Se não te paguei ainda, é porque ainda não tenho grana o suficiente pra isso.

– Ora, ora, parece que alguém acordou afrontoso hoje – Vênus zomba de mim, com aquela voz irritante e distorcida de Darth Vader. – Eu não estou brincando, otário. Se você não pagar logo, eu vou tomar medidas drásticas. E, com isso, quero dizer que tirarei de você uma coisa que você ama. Vou te arrancar um bem muito precioso.

– Ai, ai, tem gente que se acha a Carminha da *Avenida Brasil*, né? – respondo, dando uma risada completamente forçada.

A voz rosna do outro lado da linha, irritada e robótica:

– Eu estou falando sério. Quero que você me dê uma data para se acertar comigo; caso contrário, você vai sofrer. E todo mundo vai saber do quão fracassado você é, Lucas. Ah, já falei que sua família vai ser a primeira a sentir na pele o seu fracasso?

Esse agiota maldito tinha que mexer com a minha família? Sério? Enquanto me preparo para revidar, Jeff põe a mão no meu braço. Mexendo os lábios, ele diz: “É perigoso. Faça o que ele te diz pra fazer”. Pepita pula no colo dele e eu olho pra ela. Não posso arriscar perder a minha família assim.

Engulo em seco.

– Eu vou te pagar daqui a... – Penso em qualquer data, mas nada vem à mente. Nervoso, lembro o que Jeff disse: – ...daqui a doze dias. Dia dezessete de março. É quando vou acertar as contas.

– É bom que pague. Mas eu também terei a minha garantia de que você vai pagar. Senão...

A ligação cai.

Respiro fundo, aliviado. Mingau mia enquanto se esfrega na minha perna.

Coloco as mãos na cabeça, preocupado. *Como vou pagar essa dívida, meu Deus? Eu tenho uma festa de aniversário pra bancar, não posso abrir mão disso.*

– Como foi que paramos aqui, hein? – Jeff solta um suspiro, jogando a cabeça pra trás.

Pepita oferece um miado de consolo para ele.

– Definitivamente, não tem a ver com a casa de praia que compramos no Rio pra sua mãe no mês passado – digo, irritado.

– Deveríamos procurar a polícia, você sabe – sugere.

– Surtou, Jefferson? Eu sou uma celebridade, não posso me expor assim. Vão achar que eu sou pobre e farão tudo quanto é tipo de piada comigo, até eu parecer um pobretão pra mídia. Aí já era a minha carreira, né? Eu ia entrar na estatística “morreu ou foi pra Record”.

Jeff faz um bico e me olha por cima dos cachos que caem em seus olhos.

– Ok, você tem um ponto forte aí. Sua imagem é importante e não podemos arruiná-la assim, ainda mais com essa coisara toda de cancelamento de famosos. É aí que temos que tirar você da linha de frente. – Ele para e coloca a mão no queixo, pensativo. – E se tivesse uma forma de identificar quem é o tal agiota só pela ligação?

Ai, gente, sinceramente, tem horas que vale muito a pena ter casado com alguém que não perdeu um episódio de CSI.

– Olha ele! – Bato palmas. – Parece que temos um Sherlock Holmes por aqui. Arrasou, nego. O negócio é achar quem faria isso pra gente, né? – Faço um *scanner* mental pra tentar pensar em alguém, mas ninguém aparece na memória.

– Ah, com certeza você conhece algum cara da TI do estúdio, Lucas. Sempre tem aquele cara de óculos, com olhar de quem madruga jogando *League of Legends* e que provavelmente nunca namorou na vida. Ao menos, é assim que vemos nas séries – ele responde, jogando as mãos pro alto.

Pergunto o quão velho estou se nunca nem cheguei perto desse *League-of-o-quê*? Deve ser cultura hétero.

Ainda assim, o comentário dele faz um clique na minha cabeça.

– Ah, claro! Acho que conheço um cara, sim. Vou falar com ele hoje. Agora, eu realmente preciso correr pra me arrumar. – E finalmente me levanto e vou pro quarto.

Quando entro no quarto para me trocar para ir ao trabalho, vejo que Pepita se deitou em cima da camisa que eu iria usar hoje. E ela é preta.

– Pepitinha, não faz isso com o papai. Você sabe que você solta pelo – digo, tentando me acalmar.

Minha gatinha (diferentemente de Jefferson, que me enche o saco a cada cinco segundos) não merece a minha irritação. Pepita responde com um miado de culpa.

– Tudo bem, mas não faz de novo, tá bom?

Ela pisca os olhos verdes, concordando.

Pego a Pepita no colo e faço um carinho na sua orelha esquerda, onde ela tem uma manchinha branca. Jeff queria chamá-la de Frajola (ele sempre foi *muito* criativo, como vocês podem perceber), mas eu sugeri que fosse Pepita, vocês sabem, por causa da Mulher Pepita. Na mesma hora ele se animou e pensou que seria uma ótima oportunidade para dublar a gata com frases da funkeira. Cada vez que a Pepi inventa de brigar com Mingau, ele solta um “pra engolir, ô, vai ser foda”, com a imitação perfeita da Mulher Pepita. Sim, não é fácil ser casado com um dublador. Na verdade, não é fácil ser casado e ponto.

Encontro outra roupa que não esteja infestada de pelos dos gatos ou da Gaga e me visto rapidamente, antes que eu me atrase (de novo) pro trampo. Acho que hoje vou mais basiquinha. Creio que uma camiseta listrada e um vestido rosa-neon deem conta do recado, com um tênis branco pra não

chamar muita atenção, e um delineador verde pra dar aquele *tchan* no visual, né?

Depois que fico pronto, chamo um carro e vejo no aplicativo que é uma mulher: Ariana. Loira do olho azul, bem padrãozinha. Droga. Justo hoje, que eu tô bem faceiro pra dar em cima de algum boy. Mas vida que segue.

Enquanto pego o elevador, penso em chamar Mari e Toni para um rolê depois do trabalho. Acho que ainda não falei deles pra vocês, né? Bom, eu conheci Mari num show da Beyoncé uns sete anos atrás, e Toni veio com ela a tiracolo, já que eles são tipo melhores amigos há, sei lá, uns dez anos já. Foi nessa época que a gente decidiu morar junto, eu, Mari, Toni, Jeff e Bia (daqui a pouco falo mais dela). Sabe quando dizem que república sempre dá rolo, que é só dor de cabeça? Bem, é verdade, mas não nesse caso. A gente se divertia muito, fazia altas festas, dividia as despesas, ia fazer trilha todo mundo junto. Ai, Netinho... Parecia um sonho de princesa. Mas, como todo casal, o shipp Tari ou Moni quis se mudar e eu e Jeff também. E a Bia (caso vocês estejam se perguntando) decidiu focar na vida profissional dela, já que aparentemente as meninas não estavam muito interessadas em namorá-la.

Quando a nossa república acabou, decidimos que não íamos ficar longe e fomos morar todos no mesmo prédio, superinspirados em *Friends*. Por isso que eu moro no 202 e Mari e Toni moram no 203, enquanto Bia não quis se mudar pro 201, pois seu pai já havia pagado um apartamento na cobertura pra ela, como presente de vinte e cinco anos.

Atualmente, o casal trabalha perto do apê; na verdade, embaixo, porque eles tocam um estúdio de tatuagem e

piercing no minishopping do condomínio. Eu, a celebridade que vos fala, trabalho como apresentador de TV num estúdio ali na região da avenida Paulista. Podre de chique, eu sei. Por que choras, Luciana Gimenez?

A Bia trabalha como designer de estampas para uma marca coreana superbem-sucedida que sua família herdou há uns cinquenta anos, e Jeff, como já comentei, é dublador num estúdio perto da TV onde eu trabalho.

No hall de entrada do meu prédio, eu me lembro de passar no trampo da Mari e do Toni para chamá-los para tomar uns drinks mais tarde. Antes, porém, passo na frente do antiquário do Senhor Aquino, um homem de meia-idade que vende todo tipo de quinquilharia que vocês possam imaginar. É bizarro que no térreo do meu prédio tenha o estúdio descolado da Mari e do Toni e, bem ao lado, uma loja empoeirada como essa. Mas até que acho divertido esse mix e sempre paro pra dar uma olhadinha na vitrine do antiquário pra conferir as “novidades”, que, na verdade, são mais velhas que a minha vó.

Algo brilha na prateleira e me chama atenção: um carneiro de prata com chifres pretos e alongados, bem macabro, que o senhor Aquino estava lustrando. Eu, hein! O velho endoidou se acha que isso vai atrair a clientela pra lojinha dele. Faço o sinal da cruz e sigo meu caminho. Só que, quando estou quase na sala dos meus amigos, a motorista manda mensagem: “Cheguei”. Droga.

Corro para encontrar o carro com a placa certa. Quando olho para a motorista, penso que houve um engano, já sentindo o sangue ferver.

– Lucas? – anuncia uma mulher de cabelos pretos e óculos escuros, cheia de sardas.

– Ué, não era a Ariana que ia me levar hoje? Você não se parece nem um pouco com ela – digo, contrariado, pois no aplicativo a foto da motorista era de uma loira bem diferente dela.

– É que mudei meu visual depois que me separei do meu ex embuste. Perdão... – ela parece envergonhada, e noto que tem sotaque baiano.

Entro no carro e bato a porta com força, sentando-me no banco de trás.

– Gente, que absurdo! Como é que eu vou confiar nesse aplicativo, se cada vez que chegar o carro o motorista for uma pessoa diferente do que eu vi na tela? Que tipo de segurança falha é essa? – exclamo, bravo.

– Moço, não precisa se aperrear, não! – O sotaque fica mais forte. – Sossega o facho que eu sou da paz, sou sim.

Com essa frase, eu olho pra ela para ter certeza de que não estou surtando. Ok, talvez ela lembre um pouco a pessoa da foto do aplicativo, mas devo dizer que uns cabelos pretos curto, uma rinoplastia e sardas claramente tatuadas a fizeram parecer outra mulher. Como que eu vou estar seguro se peço um carro que vai ser dirigido pela Carminha e daí, na hora, chega a Nina no volante? Sem condições.

– Ah, mas eu me aperreio, sim, senhora. Que tipo de palhaçada é essa?

– Mas, moço, eu te chamei pelo nome que tava aqui no aplicativo. Como que eu ia saber quem tu era? E a placa do meu carro, não tá igualzinha a que tá aparecendo aí pra você? Oxe!

Eu tento, juro que eu TENTO manter a calma, mas acho que os outros não colaboram, viu? Onde já se viu não me conhecer? Justo eu, que tô sempre nos holofotes.

– Perdão, querida? – Me inclino pra olhar pra ela, com sangue nos olhos. – Se você não mora em Marte, já me viu alguma vez na vida. Eu apresento o *Dazonze*, lembra? Todo mundo me conhece e sabe meu nome de cor – rebato, mantendo a pose.

Ela se assusta.

– *Marmininu!* Tu é o Lucas do programa? Oxente, eu sou a Ari, muito prazer! Minha mãe adora te ver. Se eu conto pra mainha que tô aqui contigo, é certeza de que ela vai querer um cheiro seu, só um oizinho pra mostrar pras amigas e fazer inveja. Bem que mainha me disse que em São Paulo eu ia andar com gente importante – ela fala tanta coisa que nem eu consigo processar direito. – Será que tu poderia gravar um videozinho assim pra ela, mandando um cheiro gostoso pra mainha?

Não sei o que é pior: não ser reconhecido ou ser tietado. Quem disse que é fácil ter *white people problems* pra lidar?

– Se eu gravar, cê me deixa em paz até chegar no trabalho? – respondo com o maxilar fechado de irritação.

A tal da Ari se alegra e quase pula do banco, cheio daquelas bolinhas de madeira encostadas no assento.

– Ô, deixo sim. Não vou te incomodar mais. Toma aqui o celular.

Gravo o vídeo de uns quinze segundos, tentando ser agradável pra depois não ser cancelado pela mídia como antipático.

– Muito obrigada, Seu Lucas, eu vou mandar pra ela depois.

– Tá, agora fica quieta e dirige, faz o favor – mando, na lata, e aproveito o silêncio que fica no carro.

Pego o celular e vejo que Bia mandou vários áudios, e quando começo a escutar descubro que é sobre a festa de aniversário. Ela conta que achou um lugar maravilhoso que era a casa de um barão do café, tipo patrimônio histórico, e que estará disponível com um valor menor por ser pra mim. Já manda fotos de decoração e encaminha o contato da cerimonialista. Sou acusado de ser o mais gastador em casa, então é bom ter amigos que aproveem meu amor pelas compras e pelo luxo, né, não? Ela comenta que deveríamos fazer algo no nível da família dela, e eu concordo na hora, porque não tem coisa mais chique do que os festões que a família Kim dá.

Eu já te contei que ela é coreana? Bia sempre sofreu muito com isso na escola. Acompanhei seu drama desde que eu a conheci, pouco depois que me mudei pra Sampa e me aproximei de Jeff. Ficavam chamando ela de *xing-ling*, a excluía na educação física e nos trabalhos em grupo; tudo pra ela era bem difícil. Bia vivia chorando nos corredores da escola, então era eu que tinha que ir até a galera que fazia bullying e deitar os caras no soco, enquanto Jeff dava o apoio moral narrando tudo pra ela com a voz do Super-Homem.

Se quer saber, Bia tem os olhos amendoados e castanhos, os cabelos de um liso absoluto e que agora estão pintados de rosa-claro, com um lado raspado e uma franja que cai sobre a testa. Parece que ela é uma VJ da MTV, de tão estilosa. Se eu tivesse a grana dela, com certeza também seria.

– Pronto, Seu Lucas, chegamos – diz uma Ari bem animada.

Parece que me perdi no tempo quando comecei a ouvir os áudios da Bia. Uau.

– Espero que tenha um ótimo dia – ela deseja.

– Valeu.

Saio do carro batendo a porta. Paro na padaria próxima do estúdio, porque tô morto de fome depois de não comer quase nada no café da manhã. Aliás, será que Jeff se lembrou de dar comida pros gatos e pra Gaga? Espero que sim, mas, por garantia, vou mandar uma mensagem pra ele.

Quando termino de mandar a mensagem e tiro os olhos da tela do celular, uma dupla tanto quanto curiosa me olha, sentada no assento de frente para a minha mesa.

– Terminou, amor? Já encheu o saco do seu maridinho hoje? – A mulher diz, com desdém, enquanto chupa um pirulito. Ela tem cabelos vermelhos bem marcantes, estilo Ariel de *A pequena sereia*, amarrados em um rabo de cavalo, com uma maquiagem azul bem pesada nos olhos e os lábios grandes pintados de carmim.

Um homem magro está do seu lado (e que gato!), com não mais do que um metro e sessenta, cabelos castanho-claros lisos cuidadosamente dividido ao meio, pele clara e olhos azuis. Se não fosse o cabelo quase loiro do menino, eles se passariam por cosplays toscos da Ariel e do príncipe Eric – se bem que ela tá mais pro *RuPaul's Drag Race* do que qualquer outra coisa, e ele parece uma versão pocket do Johnny Bravo.

– Quem são vocês? E o que dá o direito de se meterem assim na minha vida? – pergunto, já querendo brigar.

– Ah, querido... – A mulher me dá a mão, como se eu fosse beijá-la. – Que falta de educação a nossa, né, Pudim? Muitíssimo prazer, eu sou a Glória, e esse aqui é o Pud...

– Caio. Eu sou o Caio! – o rapaz responde, tentando se impor. – Só ela me chama de Pudim.

Glória faz biquinho como se fosse chorar, e diz pra mim:

– Já escutou o ditado: “Quer moleza, senta no pudim”? Com certeza, não era esse Pudim aqui. – E pisca. – Enfim, menina, vamos direto ao ponto porque tempo é dinheiro e não podemos perder grana agora, né? – Glória me olha como se esperasse que eu respondesse alguma coisa.

– Tá, que seja. Mas eu nem conheço vocês. Isso tá parecendo um circo de horrores.

– Horrores? – Pudim/Caio responde, e dá um sorrisinho de meia boca. – Você ainda não viu o que vai te acontecer pra achar que isso aqui é horroroso. Cê nem faz ideia, cara.

– Ei, ei, o que eu te disse sobre nossa política de spoilers? – ela diz, batendo no ombro do Pudim, que resmunga em resposta.

– Só a Glória pode contar as coisas importantes, e eu fico aqui de cota hétero fazendo pose – ele fala tão programado que suponho que já deve ter dito isso umas mil vezes, no mínimo.

– Isso, menino, bom rapaz – Glória bagunça os cabelos dele. – Como eu dizia, não estamos aqui à toa, lindo. Lu, posso te chamar de Lu? Ok, eu vou te chamar de Lu mesmo assim, tá bom? – Pisca pra mim. – Você tem uma dívida bem grande com o meu patrão, e me parece meio impossível que você pague em apenas doze dias, não é mesmo, Lu?

Ah, eu não acredito que aquele agiota safado mandou esses dois capangas pra me cobrar! Que desaforo é esse? Achei que ele ao menos confiasse na minha palavra.

– Sim, foi o prazo que dei pro Vênus. E eu vou pagar, não sou um ladrão, como vocês parecem estar apontando. – Cruzo os braços.

– A gente não te chamou de ladrão, parceiro – Pudim diz, e me olha com o que seria seu olhar mais intimidador, mas que na verdade me dá vontade de rir. – Você que está se acusando sozinho.

– O privilegiadozinho aqui tá certo, Lulu! – Glória rebate. – Mas, se a carapuça serviu, daí já é outra história. Bom, a gente precisa de uma garantia de que você vai pagar o Vênus, caso contrário... – Ela passa o dedo na garganta, tentando dizer que eu morreria.

Fico assustado.

– Ah, você ficará a salvo, fica tranquilo. Mas, quanto à sua família, não posso prometer o mesmo...

– Aonde os dois esquisitos querem chegar, afinal? Não tem como vocês terem acesso à minha família. Não dei meu endereço pro Vênus. – Já estou começando a perder minha paciência.

– Hahaha... Ouviu essa, Pudi? O bobinho acha que não temos ideia de onde ele mora. – Glória me olha com pena. – Coitadinho. Deixa eu te mostrar o meu pano de fundo!

Ela me passa o celular e eu vejo. Sinto os pelos do meu braço arrepiarem. A foto foi tirada claramente de um lugar alto e a distância, e mostra a sacada do apartamento onde eu moro bem na hora em que Mingau, Pepita e Gaga pegavam um sol, enquanto Jeff lia seus gibis ao lado deles. Eu nunca vi

essa foto na vida. Vejo que meu marido está com as mesmas roupas que vestia hoje de manhã.

– Foi tirada uns vinte minutos atrás, caso esteja curioso. Acho que isso responde às suas perguntas, Lu. – Ela me olha com docilidade.

Eu me seguro para não explodir de raiva.

– Não chegue nem PERTO da minha família, entendeu? Eu já disse que vou pagar a dívi...

– Glória, deixa que eu termino! – O menino me corta, animado. – Nós vamos tirar seu bem mais precioso. Uma coisa que vale ouro pra você.

– Amigo, já falou demais por hoje, né? – Ela dá um peteleco no Pudim. – Era isso mesmo que tínhamos pra te informar, querido. Não fica triste, porque você vai ver a gente de novo, viu? Beijos de luz.

Os capangas-se levantam e saem.

Até o meu croissant perdeu o gosto depois dessa visita, credo. Deus me livre!



No estúdio, vejo que Eduardo, da TI, está sentado na mesa jogando alguma coisa no seu notebook. Os seus cachos castanhos caem sobre os olhos cor de mel, por cima dos óculos quadrados. Uma pequena pintinha se aloja na bochecha direita. É, olhando assim, ele realmente não é de se jogar fora. Além disso, acabo de pensar em como o talento dele pode ser bem útil pra mim.

– E aí, gostosinho? – digo, enquanto me aproximo.

Ele se assusta como um gato, dando um pequeno salto na cadeira.

– Muito ocupado jogando RPG?

– Hã, humm, um pouco. – Eduardo parece nervoso, me-xendo nos óculos. – Precisa de alguma coisa, Lucas?

– Bem, na verdade, preciso sim. Que bom que perguntou. – Puxo a cadeira à sua frente e me sento. – Você sabe... – abaixo a voz para que ninguém me escute – ...hackear chamadas de telefone? Tipo descobrir o endereço de quem fez a chamada?

Edu arregala os olhos, assustado. Olha pra baixo e coça a cabeça.

– Eu... eu acho que sim. Quer dizer, não que eu já tenha feito isso, mas não é difícil, eu acho. Mas por que você precisaria disso?

– Eu tô recebendo uns trotes no celular e queria saber quem está por trás. Nada de mais, relaxa – minto, na cara dura. Até parece que ele ia topa se eu contasse a verdade mesmo.

– Ah... claro... – Edu não parece muito convencido. – Não fique chateado se for de algum presídio.

Reviro os olhos.

– Você acha que eu sou burro? Claro que não é de presídio. É... mais sério do que isso. Mas já falei demais. Toma aqui meu celular, é essa ligação aqui na lista de chamadas recebidas que tá me incomodando. Faz o que tem que fazer, e faz rápido.

Entrego o aparelho para ele, que me olha com cara de dúvida.

– Eu não consigo fazer isso tão rápido assim, Lucas. Vou precisar instalar um aplicativo rastreador agora, e demanda

tempo rastrear uma ligação, coisa de dias. Então, você vai ter que esperar um pouco até eu concluir a operação.

Minha família em risco e eu vou ter que ESPERAR. Que absurdo!

– Nossa, mas não dá nem pra descobrir, sei lá, um raio próximo de onde a pessoa estava quando me ligou? Nada?

– Infelizmente, não. A tecnologia ajuda, mas a que a gente tem no Brasil, no caso, não é tão de ponta assim.

Respiro fundo, irritado.

– Tá. No final do dia eu volto aqui pra ver se deu certo. É bom que tenha, viu?

– Mas, Lucas...

Eu não escuto o final da frase, pois levanto e saio. Ele que lute pra rastrear isso ainda hoje, porque eu não posso e não vou esperar.

No caminho para a mesa em que me sento para ler o roteiro e saber um pouco mais sobre o entrevistado do dia, esbarro em Maicon, o cameraman. Solto um assovio pra ele e sorrio. Para a minha infelicidade, meu chefe está me observando, já que ele passava por ali naquela mesma hora.

– D’Angelo, na minha sala. Agora.

Que ótimo jeito de começar o dia, né?

– Eu não aguento mais você desrespeitar cada homem neste estúdio. Eduardo, Maicon, o Jorge da cantina...

Ui, esse é gato.

– Você passou dos limites, tá me ouvindo? Ou eu tenho que te lembrar que você é um homem casado, hein? – grita Abraão, o diretor.

Quem ele pensa que é pra me acusar assim? Meu pai?

– Ah, pelo amor de Deus. Sério que você tá se incomodando com tão pouco? Eu só dei umas flertadas, coisa leve, não tem por que ficar se doendo todo. Eu, hein?

Vejo ele ficar vermelho de raiva e penso que estou triunfando na discussão.

– Você sabe que isso é assédio, não sabe? Não é mais leve só porque é com homens, Lucas. Se continuar assim...

– Você vai fazer o quê? Hein? Me demitir? – Agora sou eu que fico vermelho de raiva. – Não, você não vai me demitir. E sabe por quê? Porque tem muito apresentador por aí que faz até pior do que eu, e está há mais de trinta anos na profissão. Eles não são questionados, então por que eu seria? – Solto o veneno com toda a força que tenho, e me delicio com a expressão indefesa que ele demonstra, com um pingo de irritação nos olhos.

– D’Angelo, eu estou te avisando. Não é porque eles saem impunes que você também sairá.

– Aham, sei. Agora me dá licença que eu preciso trabalhar! – E saio, indo estudar o convidado do programa de hoje. Sinto vontade de rir quando leio a descrição.

Até parece irônico que a convidada seja uma astróloga, após o meu papo no café da manhã com Jefferson. Depois de tudo que eu passei hoje, não vou deixar barato, ainda mais para uma louca que acredita nessa balela de signo. Escrito nas estrelas ou não, hoje ela vai se ver comigo.

Υ

– Estaremos no ar em cinco, quatro, três, dois, um... – anuncia Maicon.

Quando ele dá o sinal, arrumo o cabelo e dou as boas-vindas:

– Bom dia, lindos e lindas do meu Brasil. Eu sou Lucas D’Angelo e estamos ao vivo em mais um *Dazonze*. Hoje iremos receber a astróloga Dandara Melo, cheia de capacidades mediúnicas e poderes místicos, uuuh! – Faço um gesto de pavor, fingindo ter medo da tal mulher. – Pode entrar, Dandara!

Para a minha surpresa – e acredito que a de vocês também –, um ser pequeno entra no cenário do programa. Cabelo black power, pele negra, um delineador gatinho e vestes longas e brancas resumem Dandara, uma mulher de pouca estatura e cheia de colares em volta do pescoço magro. Um piercing de argola se projeta do nariz largo, destacando-se como um brilho na pele escura. Olhando bem, ela me lembra uma cantora brasileira quando mais nova...

– Olha só, quem é místico sempre aparece, né? Não é todo dia que se recebe a Maria Bethânia jovem aqui no programa! – digo, fazendo a plateia explodir em risadas.

Dandara me olha com ar de desafio.

– Ah, sim, muito obrigada por me receber aqui. Tenho certeza de que é difícil pra você estar aqui hoje, sorrindo, depois do dia estressante que está vivendo desde o café da manhã, né?

– Sim, eu e toda a torcida do Flamengo, no caso, porque classe média sofre, meu bem.

Um dos músicos faz um *ba-dum-tss* na bateria.

– Então, Dandara, ouvi dizer que você faz um trabalho social relacionado à astrologia. Como é isso?

A pseudoastróloga se apruma, claramente orgulhosa do seu trabalho.

– Eu promovo oficinas de autoconhecimento por meio da astrologia para jovens da periferia de São Paulo. Já faz uns cinco anos desde que comecei com essa iniciativa. A mudança no comportamento e relacionamento que eles têm com eles mesmos é sensacional de se ver.

– Claro, porque saber se alguém é de Áries ou Escorpião faz toda a diferença na vida da pessoa, né? – ironizo, levantando uma sobrancelha para ela, que me olha impassível com seu delineado perfeito.

– Na verdade, faz sim, senhor. Só de olhar pra você, já sei dizer que está no seu inferno astral, não está?

Ah, não. De novo isso? É sério?

– Ué, como você sabe, Bethânia? Leu na borra do meu café ou devo dar a minha mão para você adivinhar o resto? – zombo.

Recebo um olhar de desaprovação do meu chefe, que indica para que eu leia as perguntas dos cartões. Mas eu o ignoro.

– Eu não preciso de nada disso para saber que você está nessa fase. Preferi acreditar que você está... excêntrico hoje por algo astrológico, e não por conduta pessoal – dizendo isso, ela bebe um pouco do seu chá, se achando a espertona.

– Claro, claro – finjo que a mulher está certa para deixar que ela fale e se embarace ao vivo. – Então, já que você sabe tanto assim, vamos ver o que pode fazer por um telespectador do programa que mandou um testemunho pra gente.

– Eu saco uma das fichas de papel que tenho nas mãos e finjo que estou lendo: – A pessoa não quis se identificar e disse aqui que está com uma dívida gigante. Ela tem um prazo

apertado pra pagar o que está devendo e não sabe como vai sair dessa situação. Ela nasceu no fim de março, então o signo dela é... – Olho pra equipe, e alguém me assopra o signo – ...Áries. E aí, o que você me diz?

Aguardo ela lançar mais lorota e se envergonhar sozinha, mas, em vez disso, a mulher diz:

– Se ele seguir os prazos que ele mesmo criou com a pessoa pra quem está devendo, quem sabe consiga pagar a dívida e não colocar em risco ninguém da sua família. Mas é só uma sugestão, claro, ninguém quer que o seu bem mais precioso seja tirado por ter se afundado em dívidas.

Ok, como ela pode saber disso? Não é possível que ela tenha contato com os capangas do Vênus.

Olho pra ela irritado, e só vejo Edu me observando assustado dos bastidores, porque ele sabe que eu tô prestes a surtar.

– É fácil ser médium assim, né? Só lendo borra de café e uns sites de fofoca. Pra saber do tal inferno astral, era só ver a data do meu aniversário no Google pra supor, então isso até uma criança poderia saber. O que você tem de tão especial ent...

Antes que eu termine minha pergunta, o programa é cortado para os comerciais. Meu chefe me olha irritado e briga comigo no ponto, gritando muito.

Antes de qualquer coisa, até mesmo de eu correr até Eduardo pra me certificar se deu certo ou não o rastreamento, Dandara me pega pelo braço e me olha, muito brava.

– Escute aqui, Lucas, por bem ou por mal, você vai aprender a respeitar os outros, e por isso será obrigado a viver todas as doze casas do Zodíaco. Você vai descobrir o que é o inferno astral, e só sairá dele quando conseguir aprender a

ter empatia. Somente então é que a sua dívida será perdoada. Pelos poderes atribuídos a mim, eu convoco todos os signos a te fazerem uma visita até você começar a ser mais solidário com os sentimentos das outras pessoas – finaliza e dá um peteleco no piercing, fazendo um barulho irritante.

As luzes do estúdio piscam e um trovão soa, distante. Penso que deve estar chovendo canivete lá fora – afinal, é março, e todo mundo sabe que em março chove pra caramba. Pisco forte, atordoado, e a vejo saindo de fininho do estúdio, rápida como um raio.

Corro atrás dela e só consigo alcançá-la no estacionamento, me molhando todo na chuva selvagem que cai do céu. Dandara já está lutando para dar a partida em um carro caindo aos pedaços, do tipo que o Luciano Huck desistiria de consertar no *Lata velha*. Pensando bem, acho que não vale a pena brigar com gente tão pobre e mesquinha. Ela tem os astros dela, eles que se encarreguem de lhe dar o que ela merece. Doida!

Enquanto subo as escadas de volta para o estúdio, Edu vem correndo me entregar o celular, que está com a tela acesa. Minha mãe tá me ligando.

– Oi, mãe.

– Filho, você não tem vergonha de ser tão grosseiro com uma mulher, não? Eu não te criei assim – ela cospe as palavras do outro lado da linha.

Ah, que lindo, parece que todo mundo tirou o dia pra falar mal de mim. E logo minha mãe, que eu achava que me assistia na TV pra me prestigiar.

– Eu não. Ela mereceu, por achar que eu ia comprar a tal mediunidade dela.

– Lucas, pelo amor de Deus, tenha senso. Você nunca viu essa astróloga na vida e a tratou feito lixo. Desde quando você é assim, tão amargo?

– Desde que fui obrigado a lutar por tudo que eu quis, simples assim.

– Olha, filho, todos nós passamos dificuldades na vida, mas você precisa mudar. E tem mais uma coisa: eu senti uma coisa estranha depois que o programa acabou... como se algo ruim fosse acontecer com você. Tome cuidado...

– Mãe, eu sei me virar sozinho, tá bom? Te vejo daqui a uns dias, quando vier me visitar. Tchau.

Então, chegou a hora de descrever a dona Rosa, a minha mãe. Bom, ela está na casa dos cinquenta anos e é viúva há uma década. Meu pai morreu em um acidente de carro. Ele voltava mais cedo pra casa, pra ficar mais tempo com a gente, quando um motorista bêbado o cortou e acabou acontecendo uma tragédia. Minha mãe meio que nunca superou isso, e, como eu tive que sair de casa para poder casar e ter minha liberdade, ela acabou ficando com o ninho vazio, se ocupando em ter uma vida fitness e saudável como distração. Mesmo muito sofrida, dona Rosa tem uma beleza de tirar o fôlego: olhos azuis e cabelos loiro-acinzentados, quase uma Jennifer Aniston da vida.

Eduardo me encara, esperando eu falar.

– E aí, conseguiu rastrear a ligação?

Ele suspira:

– Ainda não, mas consegui instalar o aplicativo espião e ele já está monitorando tudo que acontece no seu aparelho. Se você receber o trote de novo, vão ficar registrados os dados da ligação; daí, vai demorar alguns dias pra rastrear a pessoa.

– Fala sério, hoje não é meu dia mesmo. Acho que até amanhã o vagabundo deve me ligar de novo, então até sexta já teremos a identificação dele, certo?

Com desespero, Eduardo fala um “certo” bem baixinho. É bom que esteja pronto até lá, minha família não pode ficar correndo riscos assim. Ainda mais com a minha mãe vindo pra cá nesta semana. Ela não pode nem suspeitar que tá acontecendo tudo isso agora.

Antes de voltar pro programa, agora sem a astróloga, mando uma mensagem para Mari convidando-a e ao Toni para tomar umas cervejas mais tarde no Bar do Terê. Mari responde na hora com uma figurinha da Ariana Grande fazendo um “ok” e subo as escadas, me preparando para voltar ao trabalho.

Υ

Às oito em ponto o casal chega ao bar. Mari está com os cabelos azuis todo trançado, e Toni exhibe seus dreads com estilo. Os dois são negros e muito ativistas na causa; não é por acaso que fazem parte de um dos estúdios mais famosos de tatuagem para peles negras e têm um Instagram que bomba bastante. Se parar pra pensar, quase todos os Instas de tatuadores só mostram a pele branca tatuada, então eles

realmente fazem a diferença dentro do próprio movimento e trazem a representatividade que faltava nessa área. Nem preciso dizer que eles mesmos são portfólios dos talentos deles com piercings e tattoos, né?

Conto pros dois todos os perrengues que passei hoje, e Mari declara, depois de duas caipirinhas:

– *Misericrazy*, Jesus. Parece que alguém teve um dia do cão. Eu que não queria estar na sua pele, viu, lindo? – E dá mais um gole na bebida.

Toni me olha com pena, com a mesma cara com que olhou pra Jeff quando ele quis tatuar uma costela-de-adão gigante na panturrilha esquerda.

– Ih, Lucas... Acho que a Dandara estava certa, porque só no inferno astral pra tanta coisa dar errada.

– Toni do céu, até você acredita nisso? – pergunto, levemente embriagado. – Aquela Maria Bethânia genérica é só um lobo na pele de um cordeiro, uma falastrona mentirosa. Minha vida nunca foi fácil, mas só porque vou fazer trinta anos nos próximos dias, todo mundo acha que tem que acontecer alguma coisa ruim comigo agora. Me poupe.

– Miga, se acalma. – Mari pega um guardanapo e me abana. – Calma, que não tem nada que é ruim que não possa piorar. Então toma umas biritas, fica bem loucona porque amanhã só Deus sabe o que virá.

Às vezes é difícil só ter amiga sensata, sabe? Concordo com ela, virando mais um shot pra dentro, e puxo o casal para dançar funk comigo no meio do bar.

– Vocês pensaram que eu não ia rebolar minha bunda hoje, amores?

γ

Chego em casa e Jeff me espera acordado. Estou bem fora de mim, mas entendo meio por cima que ele diz que espera que eu saiba o que tô fazendo com a minha vida. É óbvio que eu sei. É por isso que pego um remédio pra dormir, jogo pra dentro com um copo de gim e me deito ao lado de Pepita, enquanto espero dois segundos até capotar.

OU
TRO

Planeta